

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

**Crioulos por toda parte?**

**O caso Franco-Latino**

Adelson Marques Cordeiro

Orientadora: Profa. Dra. Ulidete Rodrigues de Souza Rodrigues

Brasília, Julho de 2015



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

### **Crioulos por toda parte? O caso Franco-Latino**

Adelson Marques Cordeiro<sup>1</sup>

Discorrer sobre língua é pensar em linguagem. Entende-se por língua(gem) um resultado da sistematização das falas que permeiam a realidade. Logo, a língua é mais que um substantivo feminino que proporciona comunicação a uma comunidade linguística; ela é, no seu pleno sentido, o idioma nacional de um povo e, também, objeto de reflexão e estudos científicos.

O presente ensaio é de natureza sociohistórica e tem por objetivo discutir dados bibliográficos sobre a eventual hipótese da natureza crioula e/ou criouliante do processo de formação da língua francesa, visto que se trata de uma língua formada em ambiente extremo de dominação de um povo por outro em distintos períodos históricos.

Sabe-se que, em algum momento da história, surgem, sempre, estudiosos interessados em transformar a língua(gem) em seu grande objeto de investigação, reflexão e análise. No século IV a.C., por exemplo, os povos hindus já tinham manifestado interesse crescente pelo fenômeno por motivos religiosos. Assim, esses povos fizeram transcrições fonéticas e gramaticais imprescindíveis para o seu tempo e fundamentais para o legado cultural e patrimônio linguístico da humanidade.

No século III a. C, a língua(gem), tornou-se objeto de interesse, estudo e reflexão para os gregos. Seus interesses centrais concerniam aos motivos estéticos, assim como aos filosóficos em que o uso da língua(gem) serviu para estabelecer a diferença dos gêneros

---

<sup>1</sup> Estudante de Letras Português e Respectiva Literatura, último período, na Universidade de Brasília (UnB).

literários. Na filosofia, Platão cria a teoria do conhecimento. Nas letras, Aristóteles cria as categorias do discurso.

Com o passar dos anos, precisamente, na Idade Média, a língua(gem) ganha uma concepção metonímica e têm-se início às traduções em Latim, sobretudo a tradução da Bíblia. Nesse cenário, a língua(gem) adquire um aspecto teocêntrico. No Renascimento, a língua(gem) é representação. Ela era representada; ainda não era criadora.

Nos séculos XVII e XVIII, com o iluminismo francês, a língua(gem) fundamenta a razão de Descartes, as questões acerca da existência de Deus, legando à posteridade a observação cartesiana de que “os meus sentidos por vezes enganam-me, e é prudente nunca confiar completamente naqueles que nos enganam uma vez que seja.” Os estudos no mosteiro de Port-royal, na França, apresentam ao mundo a Gramática Racional e Universal, dando à língua(gem) um aspecto normativo.

No século XIX, com o avanço da ciência, estabelecem-se um método científico do estudo da língua(gem) ao descobrirem o Sânscrito. Estudos comparados entre as línguas ganham formas e o método comparativo é firmado nos estudos da linguagem.

No século XX, a língua(gem) ganha novas reflexões. Ferdinand Saussure estabelece um estudo da língua(gem) em que língua é um sistema de signos interligados. Nascia a Linguística, ciência que estuda as línguas naturais.

Assim, por essa rápida incursão histórica, pode-se afirmar que a linguagem liga-nos ao mundo ao longo das eras. E, no caso das línguas latinas, os estudos da linguagem vinculam-nos ao Latim, especificamente, o latim vulgar através da expansão do Império Romano. Nesse ponto, é possível tratar da formação das neolatinas, como, de fato, se faz nas linhas subsequentes.

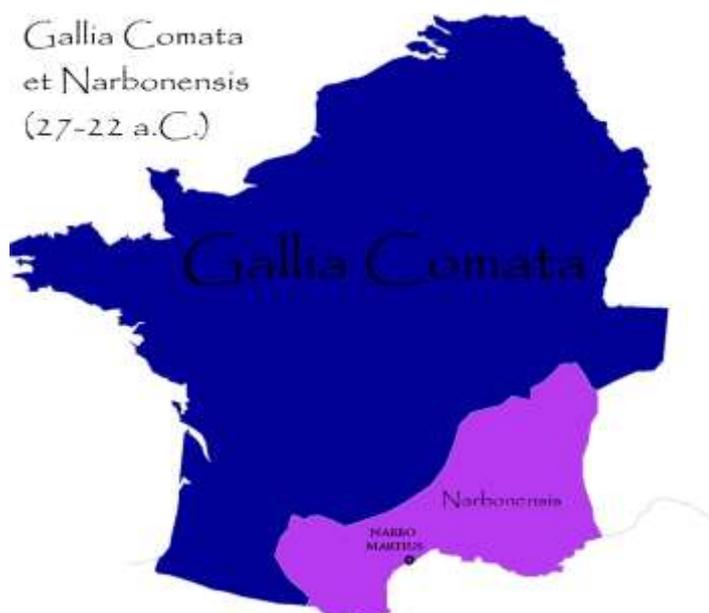
Com a hipótese de um possível plano espiral de conquista, povos da România Antiga chegaram à Península Ibérica e à antiga Gália, entre outros territórios. Esse contato do latim popular com as distintas línguas dos povos subjugados provocou consideráveis diferenças regionais e linguísticas, mesmo porque tínhamos não somente o fato do domínio de Roma, mas também a imposição dos direitos romanos a esses povos submetidos ao Latim. Esses povos, por sua vez, vencidos, segundo historiadores, “manifestaram interesse em conhecer a língua latina” e, desse contato, nasce o proto-romance, o que nos permite dizer que, ao contrário do que se costuma pensar, as línguas românicas não se originaram diretamente do latim. Houve variações denominadas de *romances* e, assim, temos a origem propalada das línguas românicas.

Nesse estudo, atentaremos-nos ao caso franco-latino. De início, faz-se importante indagar: quais grupos de habitantes havia na atual França, ou seja, na antiga Gália, na ocasião da formação do Francês? Para responder a essa questão, em linhas primeiras, são necessárias algumas indicações da geografia histórica. Sabe-se que os primeiros povos da atual França foram os Lígures e os Iberos e por volta de 500 a. C., conforme nos apresenta Michéle Perret (1999, p. 23), numa tradução nossa:

“as primeiras populações cujos os nomes nos alcançam são os Lígures que ocuparam o sudoeste do território da França (a bacia do rio Rhône e Franco Condado) a Suíça e as montanhas do norte da Itália e os Iberos que subiram da Espanha até o Loire, sem dúvidas por volta de 600.”

Nessa região, séculos depois, houve a invasão dos povos celtas. Esses povos eram compostos por várias tribos e uma delas, a gaulesa. Os gauleses dominaram por séculos a Gália, que era dividida ao sul como Gália Narbonense e ao norte como Gália Comata. Esses povos falavam numerosos dialetos que apresentavam entre si uma certa unidade.

Como ilustração para localização histórica e geográfica, segue o mapa<sup>2</sup> abaixo:



**Figura 1**

Com a colonização romana, o latim é adotado na Gália. Nas palavras de Perret (1999, p. 26), tradução nossa:

---

<sup>2</sup> Fonte: [http://www.instoria.it/home/province\\_romane\\_gallia.htm](http://www.instoria.it/home/province_romane_gallia.htm)

“por volta de 50 (entre 59 e 51 exatamente) houve a conquista da Gália pelos romanos, conquista que tinha sido precedida cem anos mais cedo por uma forte colonização na região Narbonense. Logo se instaurou em toda Gália uma forte civilização galo-romana que durou até o século V ou VI de nossa era. Ainda que a Gália tenha permanecido uma zona de fraca imigração romana e que a romanização linguística jamais tenha sido imposta, o Latim foi pouco a pouco adotado por razões práticas (comunicar com o povo dominante) como por causa da superioridade cultural e política dos romanos e de uma vontade de romanização das elites: direito de cidadania acordada a certos membros da aristocracia gaulesa, organização de um ensino superior em que os jovens nobres recebiam suas formações nas cidades importantes: Autun, Marselha, Bordeaux, Lyon, Trêves, Poitiers, Toulouse, Reims. Assim, o latim se tornou *língua oficial* no território galo-romano enquanto o gaules se tornou *língua materna* das populações colonizadas.”

Com o declínio do Império Romano, assim como com o fim da civilização galo-romana, a Gália é invadida pelas tribos germânicas nomeados de francos, povos fortes e destemidos. Foi um período de destruição e reconstrução em termos sociolinguísticos: “em 257, uma invasão geral dos Bárbaros adentrou a Gália em um período obscuro em que cidades inteiras caíram em ruínas” (PERRET, 1999, p. 28).

De todas essas considerações plurilinguísticas precedentes, é preciso questionar se, a despeito de autores como Ferdinand Brunot (1905) e Michèle Perret (1999) afirmarem que a Gália adotou o Latim por um processo lento e gradual ao longo dos séculos, não seria o francês uma língua crioula, língua formada em situações extremas de dominação de um povo por outro, em situação de multilinguismo? Ou não teria esta língua, ao menos, reminiscências de traços crioulezantes? Senão na sua estrutura, por que não na sua sociohistória? Se não podemos inseri-la no quadro das línguas crioulas qual seria uma denominação científica dentro da Crioulística, área da linguística responsável pelo estudo de línguas crioulas e pidgins<sup>3</sup> para categorizar o Francês?

Diante do exposto, parece-nos urgente e necessário um estudo mais aprofundado, assim como uma investigação de cunho científico mais detalhada para tal questionamento, visto que muito se fala de línguas crioulas provindas do francês e de outras neolatinas, mas não estaria o crioulo por toda parte, na raiz dessas que são nomeadas formadoras de crioulos, constituindo o superstrato dos mesmos?

Se pensamos na crioulística, temos muito a dizer sobre o quadro da língua francesa no decorrer dos séculos, sobretudo no seu processo de formação, para chegarmos até o francês moderno. Segundo Hildo Honório do Couto, em seu estudo *Introdução ao estudo das*

---

<sup>3</sup> Nas páginas que se seguem, serão apresentados os conceitos de pidgin e crioulo.

*línguas crioulas e pidgins* (1996), antes de haver um crioulo propriamente dito é necessário haver contato de povos cujas línguas sejam mutuamente ininteligíveis, em que crianças adquiram um pidgin como sua língua nativa e, conseqüentemente, desse pidgin, forme-se o crioulo. Realidade comprovada na bibliografia histórica da formação da língua francesa, visto que o território gaulês foi, em diferentes períodos da história antiga, um ambiente interétnico e plurilinguístico.

Se a formação de um pidgin implica no contato de povos, o crioulo, segundo Couto (1996), é formado a partir de um pidgin, com material, em geral lexical, fornecido por esse mesmo pidgin. Nesse quesito, nesta breve e, ao mesmo tempo, prévia discussão ensaística, não nos atentaremos ao material lexical na estrutura da língua francesa atual. Isso não se deve ao fato de não existirem ocorrências pertinentes na estrutura da língua, mas, sim, ao fato de o pidgin ser, conforme Couto (1996, p. 16;19), “uma língua de emergência, de contato, drasticamente simplificada estruturalmente” aliado ao fato de que “o pidgin estável pode desaparecer, devido ao aprendizado completo da língua de superstrato”, o que pode ter ocorrido na língua francesa.

Hildo Honório acrescenta em seu estudo (*apud* Bollée, 1977) que o pidgin pode ser resumido a partir de critérios de dois tipos: linguísticos e sociolinguísticos. Os critérios linguísticos compreendem a estrutura da língua e os sociolinguísticos abrangendo os fatores históricos, sociais, econômicos, enfim, tudo que for não-estrutural.

Vamos às definições detalhadas, consoante Hildo Honório (1996, p. 28-29):

Critérios sociolinguísticos: 1) Contato de dois ou mais povos de línguas mutuamente ininteligíveis (situação de multilinguismo). Frequentemente um dos povos é superior socioeconômico e politicamente. 2) Não é língua materna de ninguém (língua de contato). 3) Meio precário de intercompreensão. 4) Modo de comunicação pragmático, ainda não há uma gramática comunitariamente aceita. 5) Não há nenhum sentimento de amor e fidelidade ao pidgin por parte de seus usuários. Assim que podem, abandonam-no.

Critérios linguísticos (estruturais): são decorrência dos sociolinguísticos, ou seja, o pidgin apresenta uma gramática drasticamente reduzida em relação tanto à da língua de superstrato quanto à da(s) língua(s) de superstrato. Assim temos: 1) Pequeno número de fonemas. 2) Preferência pela estrutura silábica CV, em geral em vocábulos dissílabos. 3) Ausência quase total de morfologia derivacional e flexional. 4) As funções sintáticas são indicadas preferencialmente pela ordem. 5) Léxico reduzido a um mínimo possível.

Nesse ponto, reafirmamos o esclarecimento de que não nos atentamos aos critérios linguísticos, mas somente aos sociolinguísticos. Esses últimos sendo reiterados pela situação

de multilinguismo do território gaulês, entre outros fatores, como a superioridade socioeconômica e política dos romanos, por exemplo, que ali estiveram. Fato que, realmente, nos chama bastante atenção quanto à hipótese desse ensaio.

Mesmo entendendo ser o termo crioulo bastante complexo para definir, no presente estudo, o conceituaremos como sendo “um pidgin que virou língua nativa” (COUTO, 1996, p.32). Por isso que, da mesma forma, Couto (1996, p. 32) afirma que “há autores que veem crioulos por toda parte”, nós não fugimos a regra, pois aplicamos essa conjectura à língua francesa, uma vez que, se analisarmos as características sociohistóricas dessa língua, incidiremos no seguinte fato: a sua formação surgiu do contato de povos aloglotas que não se entendiam mutuamente, sendo que uma das línguas foi sempre mais falada por um povo socioeconomicamente mais forte, e, como temos enfatizado ao longo do texto, crioulos surgem sempre em comunidades multilíngues, em situações de dominação. Diante disso, é imprescindível que essas condições sociais históricas do surgimento da língua francesa devam seja levadas em consideração na definição da natureza dessa formação linguística. No intuito de corroborar o que temos aventado, elaboramos o gráfico do contato de povos na região gaulesa no decorrer dos séculos:

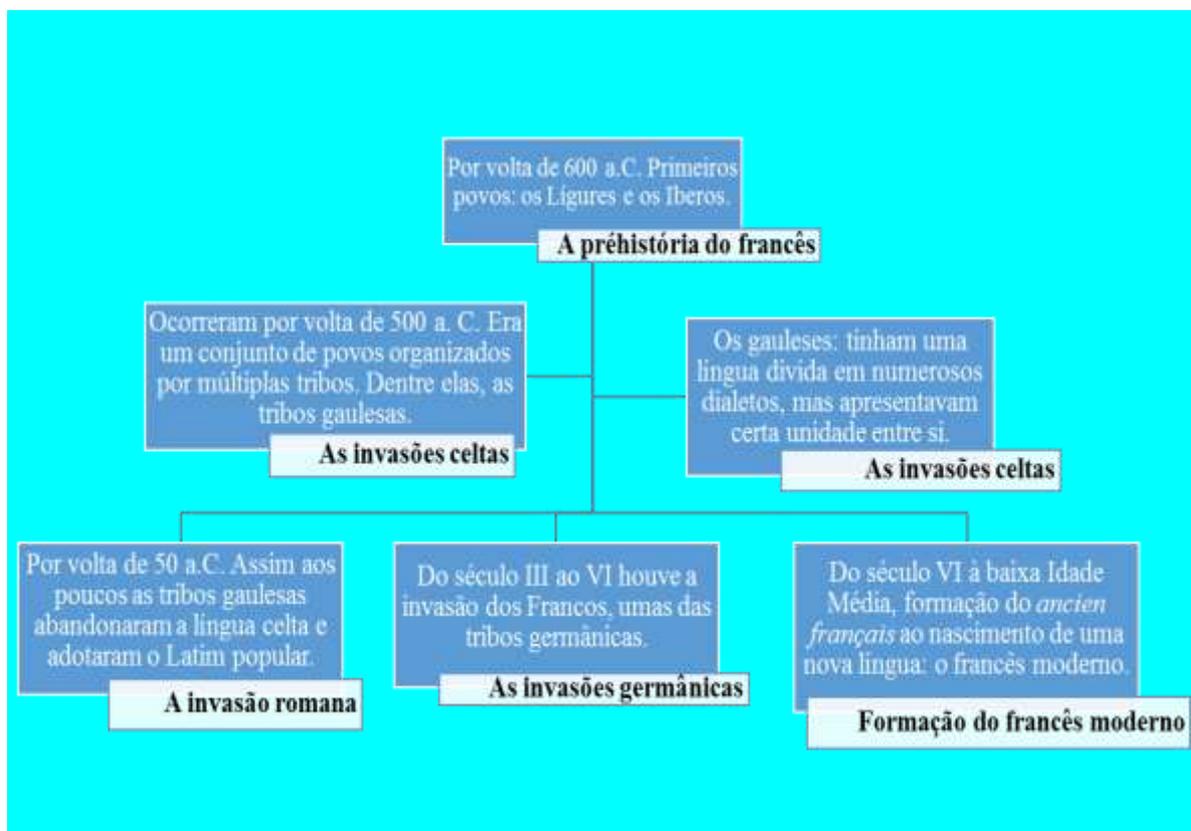


Figura 2

Em seu estudo *História da língua francesa: das origens a 1900*, Ferdinand Brunot (1905) afirma que a Gália era dividida em três partes: a Gália Bélgica, do rio Reno ao rio Sena e ao rio Marna, a Gália Céltica, do rio Marna ao rio Garona, a Gália Aquitânia, do Garona aos Pirineus e nesses centros falavam-se diferentes línguas. Ora, uma vez que nessa divisão territorial falavam-se várias línguas, o que teria sido o contato e o resultado dele no encontro dessas línguas e povos nessa região, sendo eles os romanos e os germânicos, por exemplo? Digamos que isso seja ambiente propício para um processo, por mais embrionário que possa ter sido, de formação de pidgins e, conseqüentemente, de fixação de crioulo.

Segundo Perret (1999, p. 32), tradução nossa, “o francês vem do latim que evoluiu e foi mais influenciado por um substrato gaulês e um superstrato germânico”. Logo, a palavra “superstrato” nos diz que, não somente o domínio político, mas que os itens lexicais tenham sido de origem germânica. Por outro lado, a palavra “substrato” indica que foram os conhecimentos gramaticais, a estrutura gramatical dos gauleses que predominou: sílabas, morfemas, flexão, modo de organizar frase, o que alimenta o nosso questionamento, pois para ter ocorrido esse processo de substrato e superstrato, é necessário que tenha havido contatos intensivos e interativos de povos, já citados por nós, atuando na formação da língua francesa. Desse modo, acreditamos numa formação de pidgin e crioulo para chegarmos ao que temos, hoje, configurado como sendo língua francesa: língua formadora de crioulo, como o caso das Antilhas francesas, por exemplo, em que temos crioulo de superstrato francês.

Muitos são os questionamentos que circundam, indefinidamente, essa questão. Sabemos que o presente estudo compreendeu essa temática inovadora, polêmica e, infelizmente, com poucos dados para corroborar nosso argumento central, mas essa ideia não pode ser relegada por temor aos contra-argumentos, pois já disse Jakobson “É maravilhoso. A coisa mais importante de dizer sempre é: eu me enganei”. Assim, este estudo foi desenvolvido com coragem desbravadora, entusiasmo iniciático e fundamentos teóricos disponíveis no contexto. Se elementos analíticos faltaram ou foram insuficientes, que o tempo, em estudos futuros, venha confirmar o que foi dito ou comprovar o contrário. O importante foi o percurso estudado e as descobertas feitas ao longo dele na investigação de mais um provável lastro do incomensurável “laboratório crioulo” na gênese da língua francesa. Por isso, ao final do presente ensaio, embora tenha-se esforçado para argumentar sobre a natureza, ao menos, criouliante do Francês diante de toda sua sociohistória, divisa-se que a pergunta contundente que inaugura esse estudo, silenciada por enquanto, persiste e remanesce em busca de uma mais profunda e, quem sabe, final resposta: “Crioulos por toda parte?”

## Referências Bibliográficas

- ALLIÈRES, Jacques. **Manuel de linguistique romane**. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2001.
- BRUNOT, Ferdinand. **Histoire de la langue française: des origines à 1990**. Paris: Armand Colin, 1905.
- COUTO, Hildo Honório do. **A Língua franca mediterrânea: histórico, textos e interpretação**. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, Editora Plano, 2002.
- COUTO, Hildo Honório do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica; tradução Marcos Marcionilo**. São Paulo: Parábola, 2002.
- PERRET, Michèle. **Introduction à l'histoire de la langue française**. Paris: Sedes, 1999.
- SILVA, Denize Elena Garcia da. **Percursos filológicos: nas trilhas das línguas românicas**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2008.